

MULHERES QUILOMBOLAS: TRAJETÓRIAS DE LUTA E IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

LEANDRA RIBEIRO FONSECA¹; ROSANE APARECIDA RUBERT³

¹PPGANT/UFPEL – leandrarb85@gmail.com

³PPGANT/UFPEL – rosanerubert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida tem como tema de pesquisa a trajetória de mulheres quilombolas de diferentes comunidades da região sul do RS, que exercem ou exerceram alguma liderança em suas comunidades, ou até mesmo fora delas.

No período colonial e imperial, os quilombos, enquanto refúgio de escravizados rebelados, foram uma importante forma de resistência ao regime. Mas a partir de discussões da antropologia sobre grupos étnicos, a categoria jurídica “remanescentes das comunidades de quilombos”, instituída pelo Art. 68 da ADCT, passou a contemplar coletivos negros que foram formados a partir de diferentes processos de territorialização, e não apenas aqueles formados por meio de fuga e refúgio (O'DYWER, 2005). Segundo os estudos de MARQUES e GOMES (2013), a categoria remanescente de quilombos, na contemporaneidade, designa grupos sociais que se mobilizam ou são mobilizados por organizações sociais e políticas. E participam da vida pública como sujeitos de direitos que buscam ser reconhecidos.

ALFREDO WAGNER DE ALMEIDA (2016) chama a atenção que quando os direitos quilombolas foram instituídos, havia um contexto favorável à proteção de direitos coletivos. Mas, atualmente, esses direitos vem sendo contestados e violados em nome de projetos de desenvolvimento que não são de interesse dessas comunidades. A organização das comunidades negras para serem reconhecidas como quilombolas, as várias mudanças na legislação e o atual retrocesso na garantia de direitos sempre exigiu muita mobilização, envolvendo a formação de lideranças. Dentre essas lideranças, as mulheres sempre estiveram presentes. Mas se as comunidades negras rurais eram invisíveis para as ciências sociais antes de se estabelecer a categoria jurídica “remanescentes das comunidades de quilombos”, as mulheres negras quilombolas continuam sendo. São poucos os estudos que existem sobre esse segmento, e os poucos que há, são das áreas da pedagogia e sociologia. No Rio Grande do Sul, esta lacuna na pesquisa sobre esse tema é ainda maior, independente da área do conhecimento, pois a maioria dos trabalhos encontrados sobre o tema é da região norte e nordeste. Está muito em destaque, atualmente, o tema da “mulher negra” ou “feminismo negro”, mas isso ainda não atingiu a mulher negra rural quilombola.

Diante desse quadro, a pesquisa se dispõe a reconstituir a trajetória de algumas mulheres quilombolas de comunidades próximas ao município de Pelotas. As questões que mobilizam a pesquisa são: Como mulheres negras quilombolas, de diferentes gerações e residentes no meio rural, se destacaram como lideranças? Que obstáculos enfrentaram? Como se percebem como mulher, essas percepções mudam de uma geração para a outra? Como foi e é ser mulher negra em um contexto rural? Como produzem suas identidades como negras, rurais e lideranças comunitárias?

O objetivo é tentar compreender como mulheres quilombolas de diferentes gerações venceram suas dificuldades e foram se constituindo como lideranças,

reformulando suas visões e saberes sobre a vida. A ideia é tentar perceber o que é singular a cada uma delas, de acordo com o contexto de suas próprias comunidades, e, ao mesmo tempo, o que lhes pode ser comum, por serem negras e oriundas do meio rural e fazerem parte, atualmente, de comunidades que possuem uma identidade como quilombolas. Busca-se compreender, ainda, em que medida o autorreconhecimento como quilombola altera as relações de gênero no interior dessas comunidades.

Como referencial teórico, além de se aprofundar a discussão sobre a categoria remanescente de quilombos, se buscará uma aproximação com alguns referenciais do feminismo negro, além de se abordar a questão da identidade a partir da perspectiva da interseccionalidade. DAVIS (2016) apresenta a clássica reflexão sobre as distintas características associadas às mulheres negras, quando se trata de definir o gênero feminino no transcorrer da história, ao afirmar que o que era tido como tipicamente feminino para as mulheres brancas não o eram para as mulheres negras. HOOKS (2015), outra intelectual negra, fará uma forte contestação das ideias de algumas feministas brancas de classe média de que todas as mulheres se igualam a partir de uma mesma condição e de problemas que seriam supostamente comuns, sem levar em conta as particularidades de classe e raça. Segundo COLLINS (2016), “O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras”. Afirma ainda que “Grande parte deste pensamento tem sido produzido de forma oral por mulheres negras comuns, em seus papéis de mães, professoras, músicas e pastoras” (p. 101 e 102).

Ao propor uma pesquisa sobre mulheres negras quilombolas, com origem no meio rural, não tem como fugir do problema de como se articulam as condições de raça, gênero e classe. COLLINS chama isso de “natureza interligada da opressão” (2016, p. 107) e AVTAR BRAH (2006) chama isso de interseccionalidade. Segundo essas autoras, é a interação entre essas dimensões que deve ser abordada em reflexões sobre mulheres negras. A partir de BRAH (2006) abordarei, ainda, o conceito de identidade, pois essa autora analisa a construção das diferenças a partir de quatro categorias: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade (p. 359-376).

2. METODOLOGIA

Um dos aspectos relevantes da minha pesquisa, é que ela será produzida sobre mulheres negras quilombolas e por uma mulher negra quilombola, o que pode contribuir para outras formas de produzir conhecimento dentro da antropologia, em que os integrantes de grupos que foram historicamente marginalizados, sempre foram tomados como objetos de estudo e não como produtores de conhecimento.

Conforme apresentei no tema, pretendo estudar trajetórias de mulheres quilombolas que exerceram ou exercem alguma posição de liderança. A ideia é entrevistar mulheres de gerações diferentes de uma mesma comunidade ou município. As comunidades seriam: Maçambique e Potreiro Velho (Canguçu); Brasa Moura e Rincão do Couro (Piratini); Quilombo das Nascentes e Coxilha Negra (São Lourenço do Sul). Não estão descartadas outras lideranças de outras comunidades.

A etnografia multilocal permitirá abordar o que existe de comum na trajetória dessas mulheres por compartilharem uma mesma condição:

[...] a definição assume que mulheres negras defendem um ponto de vista ou uma perspectiva singular sobre suas experiências e que existirão certos elementos nestas perspectivas que serão compartilhados pelas mulheres negras como grupo. (COLLINS, 2015, p. 102).

Ao falar em etnografia multilocal, me baseio em GEORGE MARCUS (2001, p. 111), que define esse tipo de investigação etnográfica como uma forma de fazer pesquisa em múltiplos locais, para examinar “[...] la circulación de significados, objetos e identidades culturales en un tiempo-espacio difuso”. Esse tipo de etnografia leva o pesquisador a ter oportunidade de fazer sua pesquisa em lugares diferentes, mas abordando um mesmo problema ou situação social.

Pretendo abordar ainda a trajetória de vida de mulheres do meu meio familiar, especialmente minha avó Elvira, que dá nome à minha comunidade. Para isso faço uso do conceito de autoetnografia de DANIELA VERSIANI (2002) que consiste no uso das próprias experiências de vida como fonte de reflexão.

No desenrolar da pesquisa, estou fazendo uso de entrevistas abertas, diálogos etnográficos e observações participantes registradas em diários de campo. Já fiz duas saídas de campo, para Maçambique em Canguçu, em que entrevistei Carmem Lucia dos Santos, fiquei em sua casa alguns dias e acompanhei sua rotina. Outra entrevistada foi Vera Macedo, da comunidade Quilombo das Nascentes de São Lourenço do Sul. As entrevistas nas outras comunidades serão realizadas entre os meses de setembro e novembro deste ano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento reconstitui, por meio das minhas memórias e de familiares, a trajetória da minha avó Elvira e suas descendentes, por meio da qual compreende-se as formas de sobrevivência de famílias negras no pós-abolição, com acesso precário à terra. Essa parte, que chamo de autoetnografia, formará o primeiro capítulo da minha dissertação.

No segundo capítulo abordarei a trajetória de cada uma das mulheres que será entrevistadas, dados biográficos e de suas comunidades, para contextualizar de onde vieram. Carme Lúcia dos Santos ficou dois anos na presidência da associação quilombola de sua comunidade 4 anos como tesoureira. Atualmente é coordenadora do grupo de artesãs e participa há 23 anos de uma igreja pentecostal – Igreja Batista Cristo é Vida – onde assume o encargo de tesoureira e oradora, sendo ativa na realização dos cultos quando o pastor não está presente. Vera Lúcia Macedo reside na cidade, para onde migrou quando ainda era criança, e está à frente da organização da mais nova comunidade quilombola de São Lourenço do Sul, além de ter atuado na diretoria da primeira Federação Quilombola do RS. É militante do Movimento Negro e Pastoral Afro-Brasileira há 28 anos e realiza atividades educativas sobre questões étnico-raciais junto a jovens, tendo auxiliado fortemente as comunidades do seu município a se organizarem e acessarem políticas públicas.

No terceiro capítulo da dissertação estarei abordando as condições de existência da mulher quilombola, especialmente a relação com o trabalho e as experiências de racismo. Os relatos apresentam, até o momento, que a autoimagem que possuem de si como mulheres é bastante afetada pelo trabalho nas lavouras, tanto na infância (caso de Vera) como na atualidade. Apresentam, em relação às suas infâncias e juventudes, experiências marcantes de segregação racial vividas especialmente nas escolas e nos espaços de sociabilidade (bailes).

No quarto capítulo abordarei os significados de ser mulher dentro das comunidades, a partir das experiências das entrevistadas. Trago dados sobre os espaços diferenciados para homens e mulheres e como eram construídos desde a infância, por meio das brincadeiras diferenciadas, da separação dos quartos e da forte vigilância sobre as “moças” durante o período do namoro. Observa-se uma forte relação com as avós, de quem aprendiam habilidades manuais e conhecimentos sobre cura. Será abordado, por isso, os conhecimento e técnicas as eram do domínio das mulheres sobre cura e parto. É neste capítulo ainda que trarei a experiência dessas mulheres como lideranças políticas.

4. CONCLUSÕES

Em vista todos os aspectos apresentados, é de suma importância a mulher negra produzir conhecimento sobre si própria, pois tem muito a contribuir por conhecerem diretamente sua própria cultura e condições de vida. São mulheres que tiveram um papel fundamental na manutenção de suas famílias e comunidades no passado, e continuam a tê-lo no presente, em razão das lutas políticas das comunidades para garantirem seus direitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. As comunidades quilombolas entre os novos significados de território e o rito de passagem da “proteção” ao “protecionismo”. In: OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (org.). **Direitos quilombolas & dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 29-53.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, nº 26, p. 329-376. São Paulo, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider Within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127. Brasília, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16, p.193-210. Brasília, 2015.

MARCUS, George E. Etnografia ed/del sistema mundo. El Surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, v. 11, n. 22, p. 111-127. Distrito Federal (México), 2001.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lilian. A constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. **RBSC**, v.28, n.81, p. 137-153. São Paulo, 2013.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e as fronteiras da Antropologia. **Antropolítica**, v. 19. Rio de Janeiro, 2005.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 4, p. 57-72. Porto Alegre, 2002.